

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DO
PROGRAMA PRÓ-LICENCIATURA – PÓLO PORTO VELHO - RO

OS ASPECTOS DA CULTURA CORPORAL ABORDADOS
PELO CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
NA REGIÃO RIBEIRINHA DE PORTO VELHO

Berenice Perpetua Simão

Porto Velho, RO

2012

OS ASPECTOS DA CULTURA CORPORAL ABORDADOS PELO
CURRÍCULO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA REGIÃO
RIBEIRINHA DE PORTO VELHO

BERENICE PERPETUA SIMÃO

Trabalho Monográfico apresentado como
requisito final para aprovação na
disciplina Trabalho de Conclusão de
Curso do Curso de Licenciatura em
Educação Física do Pró-Licenciatura –
Polo Porto Velho – RO.

ORIENTADOR: ALAN ROGÉRIO LARA Monteiro

AGRADECIMENTOS

À

Equipe de profissionais da educação do Pró-Licenciatura deste curso que elaboraram materiais e coordenaram todo processo do ensino à distância em Educação Física - um fato desafiador.

Universidade Federal de Rondônia pela execução das ações presenciais e orientação do dia-a-dia representadas pela professora Anita e Técnicas (os) Arisleide, Luiza e Gilmar além de outros que nos acompanharam durante o curso.

Aos meus orientadores:

Josilene Almeida Barros, pela orientação no TCC 1

Denize Ferreira, pela orientação a distância em Macapá

Alan Rogério Lara, pelo acompanhamento no TCC 2, finalização do trabalho e correção final.

A minha família, pela paciência de aceitar meus estudos nas horas de folga e lazer familiar: Hugo Silva, Iuri Mandela, Victor Hugo e Hugo Vinícius.

SUMÁRIO

RESUMO	8
I - INTRODUÇÃO	9
CAPITULO II.....	14
CULTURA, CULTURA CORPORAL, EUDCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA	14
2.1 Cultura e Cultura corporal	14
2.2 Corpo e sua relação com o meio.....	16
2.3 A escola e a construção do currículo de Educação Física	17
2.4 Educação, cultura e a inclusão dos conteúdos da cultura corporal.....	21
CAPÍTULO III	25
APRESENTAÇÃO DOS DADOS	25
3.1 Metodologia.....	25
3.2 O levantamento de dados.....	27
3.3 A Escola Henrique Dias	28
3.4 Dados da coleta de pesquisa com alunos.....	29
3.4.1 Perfil dos alunos entrevistados	29
3.4.2 As atividades das aulas de educação física elencadas pelos alunos	30
3.4.3 Cultura corporal: as atividades corporais no cotidiano dos alunos	30
3.4.4 As brincadeiras e jogos você praticados na comunidade	31
3.5 Dados da coleta de pesquisa com professores	33
3.5.1 Perfil dos entrevistados.....	33
3.5.2 A experiência dos professores com a Educação Física na região ribeirinha de Porto Velho.....	33
3.5.3 Cultura corporal: atividades do cotidiano dos alunos na visão dos professores	33
3.5.4 As propostas de adaptação curricular para a disciplina de Educação Física	34
3.5.5 As brincadeiras, danças, competições e jogos praticados pela comunidade	35
CAPÍTULO IV	38
ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	38
4.1 O caminho metodológico.....	38
4.2 A Cultura corporal dos alunos nas comunidades ribeirinhas	39
4.3 As aulas de Educação Física Escolar dos alunos ribeirinhos	40
4.4 A atuação dos professores na região ribeirinha, os PCNs e as dificuldades	41
4.5 As propostas de mudanças e adaptação curricular dialogadas com a cultura local	42
CONCLUSÕES	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXOS	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa da região do Baixo Rio Madeira, Porto Velho, RO	11
Figura 2	Chegada da voadeira (transporte escolar fluvial) e flutuante de desembarque	25
Figura 3	Escola Municipal Henrique Dias	26
Figura 4	Rio Madeira, travessia para acessar a Escola Municipal Henrique Dias	27

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Perfil dos alunos entrevistados	29
Quadro 5 –	Perfil dos professores entrevistados	33

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -	Atividades dos alunos nas aulas de Educação Física	30
Gráfico 2 -	Atividades corporais do cotidiano dos alunos na visão dos alunos: cultura corporal	31
Gráfico 3 -	Brincadeiras praticadas comunidade	31
Gráfico 4 -	Opinião dos alunos para mudanças nas aulas de Educação Física	32
Gráfico 5 -	Atividades corporais do cotidiano dos alunos na visão dos professores: cultura corporal	32

LISTA DE SIGLAS ABREVIÇÕES E SÍMBOLOS

EFE	Educação Física Escolar
PCN	Parâmetros Curriculares Nacional
RO	Rondônia
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SEMES	Secretaria Municipal de Esportes

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo verificar a aplicabilidade da Educação Física escolar na área ribeirinha de Porto Velho, Rondônia quanto a inclusão das expressões da cultura corporal da região estudada. A pesquisa de cunho qualitativo utilizou instrumento de entrevistas com questionários semi-estruturados analisando os dados a partir das teorias da cultura corporal estudadas por Jocimar Daólio e Suraya Darido. A coleta foi realizada na Escola Municipal Henrique Dias nas turmas de ensino Fundamental e Médio a partir do 8º. ano. O levantamento de dados mostrou grande diversidade da cultura corporal na região sendo que as aulas de Educação Física incorpora apenas um deles: o futebol – atividade mais expressiva apontada pela pesquisa. Sendo assim pesquisa concluiu que, apesar da diversidade da cultura corporal da região a prática não se traduz numa educação física que incorpora toda a cultura corporal em suas aulas, fato que pode causar uma reflexão na modificação e adaptação dos currículos naquela região. Os estudos trouxeram contribuições relevantes para Educação Física Escolar principalmente porque discute em específico a realidade da educação ribeirinha na Amazônia.

Palavras-chave: Cultura Corporal, Currículo, Educação Ribeirinha, Amazônia, Rio Madeira.

I - INTRODUÇÃO

A Educação Física, a cada dia que passa incorpora em seus estudos mais e mais elementos para dar conta de sua abrangência tão ampla e, a cultura corporal é um destes elementos defendido por Daólio (2010, p. 7) “que a cultura é a principal categoria para se compreender e discutir a educação física escolar.” No Brasil, as múltiplas expressões culturais diferentes, marcadas pela diversidade e pela extensão geográfica do país exige que a educação dê atenção ao referido tema, principalmente na região Amazônica onde povos e comunidades sofreram uma exclusão de participação social até bem pouco tempo e a invisibilidade de suas culturas e povos ainda é marcante no contexto nacional. (ADAMS; MURRIETA; NEVES, 2006).

Compreendendo que a escola é um espaço de frequência obrigatória dos cidadãos (MOTA E LELIS, 2007), as escolas ribeirinhas amazônicas não poderiam deixar de lado a abordagem específica das expressões corporais cotidianas de suas realidades, uma vez que suas vivências específicas em espaços de rios e floretas exigem do corpo ações específicas bastante diversas de outros espaços. Sendo assim, explorar de forma científica o tema cultura corporal no espaço ribeirinho de Porto Velho torna-se uma necessidade da educação brasileira e contribuirá para um debate específico da inclusão de conteúdos que façam uma reflexão da expressão corporal de comunidades que estão em espaços de difícil acesso e tem modos de vida diferentes da vida urbana e até mesmo diferentes dos espaços que conhecemos como zona rural. Trata-se de comunidades situadas às margens do Rio Madeira, no município de Porto Velho, Rondônia próximo à divisa com estado do Amazonas.

Esta proposta de pesquisa surgiu a partir de observações empíricas durante a execução de um projeto especial¹ para atender o ensino fundamental II em comunidades de difícil acesso na região do Baixo Rio Madeira no período de 2008 a 2011. Os professores destinados a atender o projeto eram

¹ Projeto Ribeirinho: Projeto Especial que utiliza a pedagogia da alternância desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Velho - SEMED para atender as séries do 6º ao 9º ano nas comunidades do Lago do Cuniã, Nazaré, Santa Catarina, Papagaios e Demarcação, situadas no Baixo Rio Madeira.

concursados e em sua maioria eram migrantes que vieram de várias regiões do país, sendo assim, cobravam da secretaria de educação uma orientação mais específica. Foi dentro desse debate que se percebeu a necessidade de uma maior reflexão sobre a aplicabilidade de um currículo diferenciado para aquelas comunidades. A educação física foi uma das disciplinas onde os professores tiveram a maior dificuldade, principalmente pelos espaços disponíveis e pela cultura conservada pela comunidade.

Durante os I e II Seminários (anexo III) do Campo realizados pela Secretaria Municipal de Educação as discussões apontaram propostas de modificações curriculares que vão de encontro a necessidade de pesquisas científicas para melhor subsidiar a proposta. A região ribeirinha em Porto Velho ainda conserva práticas de extrativismos de frutos da floresta como coleta de açaí, castanha, pupunha, pesca entre outros. A locomoção é sempre aquática ou a pé em longas distâncias. Portanto, o corpo tem hábitos e necessidades muito específicas e a escola pode inserir este debate de forma melhor sistematizada em seus conteúdos. Gadotti (2000) aponta para uma discussão da multiculturalidade curricular onde a escola deve incorporar a complexidade de sua realidade e principalmente as questões ambientais, situações de alta relevância para quem mora na maior bacia de água doce do mundo.

Desta forma espera-se contribuir para com a educação e, em específico para com a educação física escolar – linha de pesquisa escolhida para este trabalho, na região amazônica e no país por entender que este é um país de múltiplas culturas, inclusive com várias etnias. Desta forma a pesquisa pretende trabalhar com uma realidade social exclusiva de uma região e comprometida com a mesma por entender que se pode defender propostas dispostas a críticas e mudanças para dar conta de novos conhecimentos. (GASPARIN, 2003).

O Brasil, um país de dimensão continental com extensão de 8.514.876km² e desta área, mais da metade pertence à Amazônia Legal. Um país que apesar da dominação ocidental manteve povos e etnias que sobreviveram mantendo sua cultura, hábitos e principalmente os conhecimentos de interação com o seu habitat natural. A Amazônia é um destes espaços que abriga comunidades miscigenadas que sobrevivem da

extração dos produtos das florestas e rios, fruto das fortes migrações nos ciclos da borracha. (SILVA, 2000).

É neste contexto que estão as comunidades ribeirinhas aqui neste trabalho submetidas a uma reflexão de como a cultura corporal é abordada nos componentes curriculares para educação física escolar. Ao tempo que, vários estudos questionam e propõem uma intervenção melhor planejada defendendo uma Educação Física Escolar (EFE) que inclua atividades físicas voltadas para saúde, cultura corporal entre outras, as comunidades ribeirinhas dependem de um bom preparo físico para realizar suas atividades cotidianas de caminhadas, carregamentos de pesos, equilíbrios nas canoas para pescar, firmeza e impulsos para subir nas palmeiras de açaí e colher um dos mais preciosos frutos nacional. Considerando que “O corpo contém a história emocional do indivíduo, construída por ele com base em suas relações iniciais” (MOTA E LELIS, p. 151), a escola não pode desprezar este importante elemento para organizar o currículo de educação física.

Gasparin (2003, p. 21) afirma:

“A prática social considerada na perspectiva do pensamento dialético é muito mais ampla do que a prática social de um conteúdo específico, pois refere-se a uma totalidade que abarca o modo como os homens se organizam para produzir suas vidas, expresso nas instituições social do trabalho, da família, da escola, da igreja, dos sindicatos, dos meios de comunicação social, dos partidos políticos, etc.” (p.21).

Sendo assim, discutir conteúdos específicos para as escolas localizadas em comunidades ribeirinhas justifica-se por entender que a escola e a pesquisa científica devem dialogar, comunicar-se e relacionar-se com as realidades das mesmas, fazendo com que o conhecimento auxilie na compreensão de mundo e melhoria de vida dos indivíduos que nelas habitam.

O avanço e compromissos conquistados pela educação não permite mais deixar de abordar realidades que vão além dos currículos tradicionais, incluindo aspectos da realidade e cultura local. Em se tratando de regiões ribeirinhas na Amazônia depara-se com um momento onde o mundo todo discute ações ambientais e a região Amazônica protagoniza um cenário de destaque por abrigar um alto índice de carbono e a maior bacia de água doce do mundo. Desta forma o debate curricular aponta caminhos também da

ecopedgogia (GADOTTI, 2000) onde as relações e ações corporais do homem com o meio ambiente em que vive sejam debatidas dentro do ambiente escolar com responsabilidades exigidas de contemporaneidade. Neste sentido a escola pode compreender a cultura corporal como parte da relação do homem com o ambiente em que vive.

Os componentes curriculares desarticulados com as realidades de ambientes é um problema que pode ser melhorado em duas dimensões: reelaboração dos conteúdos que contemple a realidade dos alunos e inclusão de práticas corporais ligadas à cultura local.

As regiões ribeirinhas são ricas em manifestações folclóricas além vivenciarem um cotidiano laboral que necessita ser pensado pela escola tais como: remo, longas caminhadas, natação, colheita de frutos da floresta que exigem subir em altas palmeiras, subir altos barrancos dos grandes rios em período de seca, carregar pesos elevados de alimentos ou objetos sobre as costas, enfim, observando o cotidiano ribeirinho Amazônico observa-se o corpo como um potencial físico tipo máquina para garantir a sobrevivência na região onde vive. A reflexão sobre as práticas corporais do cotidiano ribeirinho vai desde sua manifestação do lazer/lúdico até suas atividades diárias de intenso esforço físico exigido pelo ambiente físico de rios e florestas.

Trata-se, portanto, de ter um olhar para o currículo onde a escola não ensina apenas e transfere conhecimento, mas o constrói a partir da participação de sua comunidade (FREIRE, 1996) e o enxerga o homem em sua totalidade, inclusive através do corpo e seus movimentos – sua cultura.

Com objetivo de verificar e analisar a aplicabilidade da educação física escolar na área ribeirinha de Porto Velho quanto a inclusão das expressões da cultura corporal da região foi proposto a seguinte pergunta de pesquisa “Quais aspectos culturais podem ser incluídos no currículo de educação física escolar na região ribeirinha de Porto Velho?”

Os objetivos específicos trataram de:

- a) verificar a abordagem dos conteúdos da educação física escolar nas comunidades do Baixo Madeira em Porto Velho;
- b) relacionar o currículo aplicado hoje com a cultura corporal da comunidade ribeirinha que frequenta a escola hoje na região do Baixo Madeira;
- c) verificar a percepção do aluno quanto a sua cultura corporal desenvolvidas nas aulas de educação física;
- d) identificar as contribuições da cultura corporal do aluno nas aulas de educação física escolar.

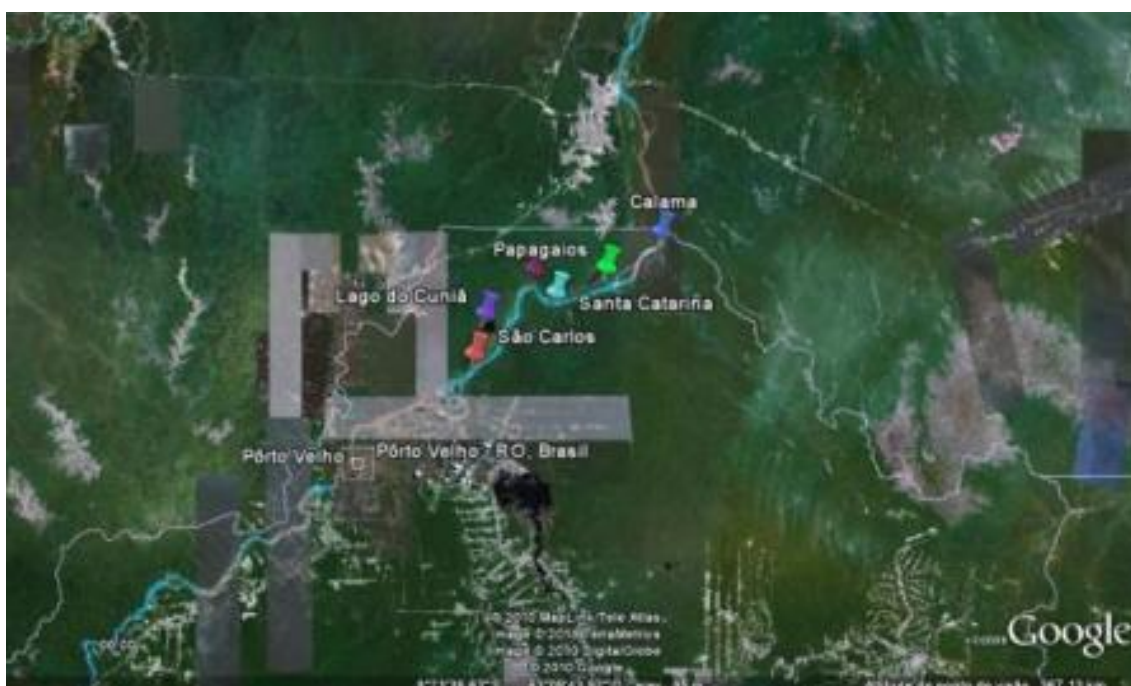


Figura 1: Mapa da Região do Baixo Rio Madeira, Porto Velho, RO.
Fonte: Simão, (2010, p. 16).

CAPITULO II

CULTURA, CULTURA CORPORAL, EUDCAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

2.1 Cultura e Cultura corporal

Os estudos da cultura corporal passam pela compreensão e conhecimento da história de uma comunidade e suas atividades corporais de trabalho, lazer entre outras. Cada disciplina tem sua especificidade e na educação física fica clara a participação do corpo como um elemento específico da disciplina. Portanto:

A compreensão de cultura de movimento entendida a partir do entrelaçamento entre corpo, natureza e cultura, poderá contribuir para que os professores ofereçam conteúdos na Educação Física escolar relacionados à realidade dos educandos, com o propósito de favorecer uma leitura crítica do mundo. (MENDES E NÓBREGA, 2009, p. 7).

Antes que a mídia imponha sua visão corporal, é necessário que a escola se antecipe oferecendo ferramentas de reflexão corporal para que o aluno se perceba importante em seu contexto e possa questionar modelos impostos de outras culturas – a do consumismo, por exemplo, valorizando sua cultura corporal e apresentando-a como elemento importante no meio social em que vive. Essa visão dentro de uma comunidade ribeirinha possibilitará ao aluno que vier a conviver em outros espaços urbanos ou grandes centros, sua inclusão e afirmação identitárias no dia de amanhã sem sentir-me menor ou diminuído em relação a outras culturas corporais.

A Educação Física Escolar precisa aprofundar sua interface com grandes áreas, como por exemplo, com a cultura corporal – destaca Darido (1999) reconhecendo a importância de estudos que apontem este caminho. Currículo escolar e cultura corporal deveriam andar juntos para que a educação física fizesse mais sentido aos alunos e estes pudessem absorver os conhecimentos científicos propostos pela escola e intervir com suas experiências de vida trazidas de sua convivência social e familiar. É uma área

de intervenção pedagógica que se apresenta como característica específica da EFE, destacam Darido e Rangel (2008). O homem foi transformando seus movimentos para seus afazeres de agricultura, pesca e outros trabalhos construindo uma diversidade de conhecimentos e transformados ao longo do tempo, “os quais foram ressignificados e transformados ao longo do tempo, constituído a Cultura Corporal do Movimento”. (DARIDO e RANGEL, p. 14, 2008).

Daólio (2007, p. 2) descreve que até pouco tempo “o corpo era somente visto um conjunto de ossos e músculos e não como expressão da cultura”, hoje dirimida esta polêmica o autor concorda que o tema ganhou espaços nos últimos vinte anos – sendo assim, é possível transferir conhecimentos locais e ampliar os currículos escolares nas escolas ribeirinhas incluindo a cultura corporal advinda das vivências e práticas cotidianas acumuladas ao longo de suas histórias de vidas. A escola pode buscar na expressão cultural e corporal de sua comunidade os caminhos para construção de um currículo multicultural (NEIRA, 2008).

Sendo o homem também fruto de sua cultura e sendo nosso país reconhecidamente pelo Ministério da Cultura (2005) desde a gestão do Ministro Gilberto Gil um país com ampla diversidade cultural é necessário colocar em prática os princípios do Parâmetro Curriculares Nacional (PCN, 1998) que para o princípio da diversidade determina:

O princípio da diversidade aplica-se na construção dos processos de ensino e aprendizagem e orienta a escolha de objetivos e conteúdos, visando a ampliar as relações entre os conhecimentos da cultura corporal de movimento e os sujeitos da aprendizagem. Busca-se legitimar as diversas possibilidades de aprendizagem que se estabelecem com a consideração das dimensões afetivas, cognitivas, motoras e socioculturais dos alunos.

A escola precisa sempre rever sempre seus currículos que por força da cultura dominante excluiu as vivências culturais de suas comunidades. Considerando a história da educação no Brasil que impôs a cultura ocidental desde a colonização europeia, passando pelo período militar que restringiu liberdade de expressão, hoje sofre a forte influência da globalização pode-se concluir o nível de exclusão da cultura ribeirinha nas comunidades amazônicas.

Ainda hoje a dominação da mídia imposta pela televisão tenta unificar uma cultura que despreza o conhecimento local, exclui as expressões das comunidades de zona rural, área ribeirinha, povos indígenas, quilombolas e outras.

Daólio (2010) insiste em pontos muito importantes da forma como a cultura corporal pode ser abordada pelo currículo. Trata-se da mediação dos saberes trazido pelos alunos para sala de aula e da construção do saber científico também dentro da escola. Cada grupo, família e comunidade trazem consigo as marcas de sua cultura corporal e a escola pode contribuir para uma releitura dos significados oportunizando este debate em sala e, principalmente questionando a mídia contemporânea que impõe sua leitura de corpo atingindo o público escolar. A construção dos saberes científicos propostos por Daólio (2010) é uma tarefa a ser abraçada pela educação física escolar.

2.2 Corpo e sua relação com o meio

O estudo aqui proposto neste trabalho pretende refletir a cultura corporal da região ribeirinha considerando o que Mendes e Nóbrega (2009, p. 4) afirmam de que “cada corpo vai adquirindo percepções de acordo com o mundo que lhe é específico”. Os currículos e práticas escolares, principalmente no ensino fundamental II naquelas comunidades são aplicados por professores que não convivem na comunidade (SIMÃO, 2010) e portanto correm o risco de aplicarem conteúdos que não tenham significados para aqueles alunos, contrariando os PCNs que orientam um currículo que reflita a realidade.

Conhecer a cultura corporal de uma região ou comunidade permite a elaboração de um currículo e uma prática da educação física escolar com mais coerência, pois o aluno pode enxergar-se e reconhecer-se dentro dos conteúdos de práticas desportivas e outras atividades da educação física. Estudar e pesquisar a cultura corporal ribeirinha, neste caso vai trazer “Um conhecimento que permite a compreensão do mundo por meio do corpo em movimento no ambiente, cultura e história.” (MENDES e NÓBREGA, 2009, p.6).

A participação e envolvimento das comunidades escolares dependem muito da compreensão facilitadora que a escola proporciona entre os mundos acadêmicos e cotidianos do dia-a-dia daqueles. Ao reconhecer uma cultura corporal é possível compreendê-la e isso possibilitará o diálogo entre as culturas (BAITELO JÚNIOR, APUD MENDES E NÓBREGA, 2009) ou seja, reconhecer a cultura do aluno é imprescindível para que este dialogue com a cultura escolar, neste caso o currículo da educação física.

2.3 A escola e a construção do currículo de Educação Física

Gadotti (2000, p.37) questiona: “como relacionar multiculturalidade e educação para todos os currículos?” Sendo a Educação Física uma disciplina trans e pluridisciplinar não se pode deixar de inserir questões da multiculturalidade e do meio ambiente nos currículos da educação ribeirinha, uma vez que estes elementos são o cotidiano da vida daquela população. Neira (2008, p.81) ressalta: “A existência de alunos com diversas heranças culturais obriga a escola a adaptar seu currículo às culturas que acolhe.” A escola precisa dar voz e espaços às culturas historicamente excluídas do processo educacional, continua a reflexão do mesmo autor.

A ampliação das reflexões na formação dos profissionais de educação física escolar, permite hoje, incluir a cultura corporal da comunidade escolar como parte de seu currículo de forma que leve o aluno a pensar sua realidade e sua história. Tomando a ideia do corpo como primeiro sentido em nossas vidas, Mota & Lelis (2007, p. 151) fazem a seguinte reflexão:

“O corpo contém a história emocional do indivíduo, construída por ele com bases em suas relações iniciais, estabelecidas com seus pais ou com pessoas que cuidaram dele quando bebê, e que se aprofundam ao longo da vida.” É principalmente na escola que o corpo se manifesta e mostra suas necessidades e busca por melhores relações sociais.

A Educação Física pode contribuir para uma melhor relação entre os indivíduos se o currículo escolar der a devida atenção aos alunos para que estes pensem sua história, seus hábitos e os vários movimentos que o corpo executa para sobrevivência diária. Nas comunidades ribeirinhas da Amazônia,

o corpo é responsável pelas longas caminhadas até a escola, pelo rigoroso equilíbrio em cima de uma canoa ao pescar, por um esforço contínuo ao subir altos barrancos que divide o rio e a sala de aula. Portanto, se o currículo for uma proposta do mesmo que se aplica nas escolas urbanas ou em grandes centros não se pode pensar a realidade local.

É necessário um currículo que proporcione uma relação lógica entre o cotidiano corporal da comunidade e os conteúdos escolares (GASPARINI, 2003). Gasparini propõe uma proposta dialética das teorias e práticas pedagógicas de forma que contemple cada prática social onde a escola atual. O respeito aos saberes da comunidade escolar é o início e a base para o desenvolvimento da proposta educacional do autor que acolhe também a aprendizagem científica como papel da escola.

As práticas de educação física escolar não pode limitar-se a repetição de conteúdos e currículo consolidados em todos os anos e bimestres se repetem em todas as séries de estudos. É necessária uma mudança constante, uma construção participativa da comunidade escolar a cada ano em que o professor pode renovar seus planos de aulas e conseqüentemente os conteúdos aplicados. Gonçalves e Azevedo (2005, p. 202) defendem que:

A Educação Física, por sua vez, constitui não apenas uma prática pedagógica onde professor e aluno se relacionam num espaço dinâmico; mas uma área de conhecimento presente na grade curricular da escola, onde o corpo, como seu objeto de intervenção, é o principal referencial a ser considerado no trabalho do professor e na ação do aluno. Desse modo, a Educação Física deveria servir para formar, criticamente, o sujeito (aluno) em seu processo de aprendizado, de conscientização e de aquisição de conhecimentos e experiências para a vida, respeitando as diferenças, o próprio corpo e o corpo do outro.

Em Freire (2008) encontra-se um acúmulo de discussões e experiências já aplicadas e relatadas de que é discutindo a realidade dos atores envolvidos na educação que conseguimos êxito em sua aplicação. A Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 2008, p. 47) destaca que “ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” Esta afirmação pode provocar uma rediscussão de currículos que estão centrados apenas em conteúdos desconectados da realidade e reflexão local e abre espaço para que uma mudança radical seja efetuada nas

diversas regiões do Brasil lançado um olhar específico para as expressões corporais cotidianas das pessoas que integram cada habitat, neste caso, a região amazônica que abriga a maior bacia de água doce do mundo. O homem, o corpo, seus conhecimentos, sua relação com o espaço e a necessidade que o espaço exige para sua sobrevivência é o que deveria permear a discussão curricular escolar para que professores e alunos se enxerguem dentro da escola e do mundo.

A EFE não pode ser uma peça desconectada dos problemas sociais da educação e principalmente da educação do campo, das áreas ribeirinhas, das regiões de rios e florestas. É importante inserir os diversos conteúdos que levem os alunos a refletirem seu corpo e a relação que este tem para com o ambiente em que vivem. A característica de uma disciplina transdisciplinar favorece este debate e a pesquisa de um currículo específico para área ribeirinha, uma vez que nestas comunidades encontram-se vivos muitos hábitos corporais de expressões que podem desaparecer para sempre com a invasão dos meios de comunicação e principalmente da mídia televisiva globalizada e das tecnologias dos meios de produção, ou seja, o currículo deve ser uma reflexão do cotidiano (SOARES ET AL, 1993).

No entanto, para se chegar então a um currículo multicultural que possa ser aplicado a áreas ribeirinhas amazônicas na disciplina de educação física é preciso levantar um histórico da educação e da própria proposta curricular que o Brasil e o mundo acumularam ao longo da caminhada educacional e científica as ideologias que permearam e subsidiaram a proposta curricular educacional. Para Soares et al (1993), a necessidade da construção de uma nova sociedade baseada no capital que tomava corpo no início do século XIX, destacou-se o exercício físico como centro da atividade da educação física escolar e assim a escola assumiu a ideologia do capital inibindo a reflexão a que as classes sociais mais pobres se submetem em favor da concentração de renda. Assim descreve Soares et al. (1993, p.53):

“Outra forte razão era o seu caráter científico dado a partir do referencial oriundo das ciências biológicas, referencial este que sustenta seu conteúdo de ensino, os Métodos Ginásticos, compostos de séries de exercícios elaborados a partir dos critérios rígidos próprios daquelas ciências. Numa sociedade onde a ciência

transformara-se em religião, o caráter científico conferido a Educação Física constituía-se em fator determinante para a sua consideração e respeito no interior do sistema educacional.”

A pedagogia tecnicista foi a responsável pela sequência da ideologia dominante com ampla prática curricular da esportivização na escola difundindo uma relação professor treinador e aluno atleta. Em seguida, são os movimentos renovadores baseados na psicomotricidade, humanistas e a corrente esporte para todos que permeiam as práticas curriculares até os anos 90. Dentro de “uma perspectiva pedagógica superadora” (idem, p. 56) iniciou-se uma nova reflexão e proposição curricular para educação física que propôs um currículo a partir do debate social com a participação dos alunos, professores e demais membros da comunidade escolar.

Também dentro da abordagem histórico-crítica Gasparin (2003) defende que o currículo deve ser fundamentado na prática social e elaborado pelos professores e educandos tendo uma base de conhecimento universal e regional ou próprio da localidade dos educandos. Desta forma o currículo que pense a realidade local da região ribeirinha amazônica e contemple uma base universal de conhecimento passa também pelo debate ambiental e de sustentabilidade estudado pela Ecopedagogia defendida por Gadotti (2000).

No entanto, pensar a realidade e propor um currículo que reflita a realidade da comunidade escolar não basta para a região Amazônica, é preciso que se esta realidade para educação física tome o corpo dos indivíduos que habitam as localidades como expressão multicultural numa visão de que o corpo assimila a história de vida das pessoas e suas vivências nas relações com o ambiente e com a sociedade (MOTA e LELIS, 2007). Assim, entende-se que uma criança que rema e caminha uma distância de um ou mais quilômetros e em seguida toma uma voadeira para percorrer distâncias maiores até chegar a escola e, ao retornar para casa auxilia a família a pescar, apanhar açaí nas altas palmeiras tem uma experiência e uma história corporal diferente de uma criança que vive num espaço urbano ou outro espaço rural.

É importante também que a comunidade escolar ribeirinha tenha uma autonomia pedagógica e construa seu currículo baseados nos saberes acumulados de suas vivências (FREIRE, 1996), neste caso, com a natureza,

rios e a florestas. A partir de então se pode ampliar este currículo entrando no mundo cultural imaginário que agrega o lúdico, a diversão e as práticas corporais artísticas e de lazer da comunidade com fins de se chegar a um currículo multicultural conforme defende Neira (2008).

A construção de um currículo de educação física que possibilite discutir a identidade de seus alunos passa pelo conhecimento da cultura corporal das comunidades escolares das diferentes regiões. É uma recriação do conhecimento. Dentro desta perspectiva Oliveira, (2006) destaca que após anos de vivência de um currículo que atendia sempre a classe dominante, a pedagogia histórico crítica possibilitou depois dos anos 80 uma maior reflexão da educação de forma que é possível construir hoje uma proposta que ao invés de servir a ideologia dominante ou cultura colonizadora, sirva a própria comunidade local ou seja o interesse de sua classe social. Oliveira (2006, p. 104) relembra:

Essa valorização do conhecimento histórico acumulado gera a necessidade de constituir novas ideias sobre a Educação, ideias que comportem um currículo crítico tal que receba/atenda as adversidades culturais, étnicas e de gênero, além das de classe. Talvez seja esse o grande desafio da educação a partir de uma perspectiva crítica: contemplar essas adversidades em seu projeto político-pedagógico, na organização da proposta curricular, efetivando assim a inclusão de todas as pessoas no processo educativo.

2.4 Educação, cultura e a inclusão dos conteúdos da cultura corporal

A educação a ser pensada nas comunidades rurais e ribeirinhas da Amazônia requer um olhar descolonizador onde a história e a cultura de sua comunidade acumulada pelos saberes locais possam transversalizar com o saber formal a ser transmitido pela escola. (SIMÃO, 2010).

Pensar a educação física escolar hoje implica em dominar a cultura corporal local e embora este tema ainda não seja consenso entre os profissionais, muitos compreendem que “cultura é a principal categoria para se compreender e discutir a educação física.” (DAÓLIO, 2010, p. 7). Darido (2001, p. 20) defende que:

Atualmente entende-se a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na cultura corporal, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. Trata-se de localizar em cada uma destas práticas corporais produzidas pela cultura os benefícios humanos e suas possibilidades na organização da disciplina no contexto escolar. (...)Assim, o papel da Educação Física ultrapassa o ensinar esporte, ginástica, dança, jogos, atividades rítmicas, expressivas e conhecimento sobre o próprio corpo para todos, em seus fundamentos e técnicas (dimensão procedimental), mas inclui também os seus valores subjacentes, ou seja, quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais (dimensão atitudinal). E, finalmente, busca garantir o direito do aluno de saber por que ele está realizando este ou aquele movimento, isto é, quais conceitos estão ligados àqueles procedimentos (dimensão conceitual).

Trata-se então de ampliar a atuação da educação física escolar para além da atividade física, fazendo com que o aluno participe também contribuindo com seus hábitos e saberes corporais que desenvolvem no viver de suas comunidades. Por que não discutir em sala de aula o equilíbrio a partir da vivência de quem se equilibra numa canoa para pescar? E o que fazer com as atividades de subir em altas palmeiras para extração do açaí? Que EFE ministrar para crianças e adolescentes que caminham longas distâncias para chegar até a escola? Qual será o discurso dos alunos que vivem nas comunidades ribeirinhas amazônicas sobre suas experiências corporais? Estas e outras questões apontam uma maior reflexão da comunidade escolar local para a construção de um currículo que incorpore a cultura local.

A diversidade cultural residente na Amazônia é um acervo rico e a disposição para estudiosos e professores aventurarem-se no mundo da pesquisa e do saber científico para subsidiar os estudos de currículos que inclua a cultura corporal como tema integrante da disciplina de educação física escolar. Mendes (2005, p. 40) assegura:

Pode-se dizer que os estudos culturais estão em alta no campo do currículo, abrindo várias possibilidades de pesquisas. Uma dessas possibilidades é a discussão sobre o entendimento de como e por que determinadas culturas são prestigiadas e outras são negadas e silenciadas no currículo.

Portanto, estudar, pesquisar e levantar dados sobre a cultura corporal é pertinente para os estudos da educação física escolar e contribuirá tanto para

as escolas na construção de um currículo mais próximo das experiências corporais dos alunos bem como para com a pesquisa na educação física que necessita cada vez mais se aproximar das escolas, ou seja um maior estreitamento de relações entre as Instituições de Ensino Superior – responsáveis pelas pesquisas científicas e as escolas de educação básica. (SIMÃO, 2010).

A construção de um currículo é uma decisão política e a finalidade deste reflete o tipo de sociedade que se quer (NEIRA, 2009), podemos iniciar uma reflexão dos currículos atuais e amplia-los no sentido de que estes reflitam a expressão corporal da comunidade escolar, seus saberes e experiências de vida. No entanto, a reflexão deve perpassar também os cursos de formação inicial dentro do ensino superior que tem vivido uma história de repassar conhecimentos técnicos. Neira (2009, p. 125) destaca que “Formar para ensinar é, antes de tudo, formar para trabalhar em educação. (...) a educação nada mais é do que a apropriação da cultura, a formação do sujeito histórico.”

O debate sobre currículo ou modificações deste, também é relevante dentro do ambiente acadêmico e uma questão pode ser levantada para uma maior reflexão: como isso vem sendo aplicado na prática? Como a cultura corporal das comunidades diversas tem sido abordada dentro das aulas de educação física? Mendes (2005) avaliou diversas produções científicas na expectativa de verificar o que diz os diversos autores sobre o tema até os anos 90. Uma das conclusões do autor foi a de que, na prática, se transfere uma alta responsabilidade ao professor na tarefa curricular, desprezando o envolvimento dos demais membros da comunidade escolar e omitindo assim um processo democrático, embora os autores analisados concordem que o currículo deva ter ampla participação de alunos, pais e demais membros da escola.

Mendes (2005) discorre também sobre histórico dos cursos de formação em nível superior que deram mais atenção aos bacharelados do que às licenciaturas, tratando esta última como um curso menos importante. Por fim o mesmo autor expressa que currículo e cultura são temas que vem sendo discutidos há um bom tempo e a cada dia amplia-se mais estes estudos: “As relações entre currículo e ideologia, currículo e poder, currículo e cultura, dentre outras, são enfoques centrais de pesquisa no campo do currículo.”

(MENDES, 2005, p. 45).

Portanto, a cultura corporal é um tema que pode vir a ser componente curricular para e assim compreender que cada comunidade escolar pode ter uma diversidade a apresentar e enriquecer um ensino mais arraigado com a realidade de sua localidade.

CAPÍTULO III

APRESENTAÇÃO DOS DADOS

3.1 Metodologia

Optou-se neste trabalho pela pesquisa de campo de cunho qualitativo com a aplicação de questionários semi-estruturados contendo perguntas abertas e fechadas (SIENA, 2009; GIL, 2010). A pesquisa buscou no tema “cultura corporal” uma identificação com a prática escolar, com a escola e a educação ribeirinha, ampliando assim os olhares para a complexidade cultural do tema, estudando-o dentro de um emaranhado de maior amplitude, de forma discutida e participativa com os atores envolvidos na pesquisa – neste caso, a comunidade escolar e sua gestão local.

A pesquisa é de cunho qualitativo que conforme SIENA (2009, p. 60):

O pesquisador é elemento chave e a fonte principal de dados é o ambiente natural. O foco não é a quantificação, mas a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados, pois o pesquisador considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito que não pode ser quantificável. Não há emprego de métodos e técnicas estatísticas, mas pode-se usar a estatística descritiva para organização das informações.

Portanto, o trabalho analisou os dados a partir das respostas dos professores e alunos interpretando seus significados a luz das teorias da cultura corporal e propôs-se apresentar um produto ao final a partir da referida análise de forma que as comunidades escolares da região pesquisada tivessem subsídios de cunho científico com vista a uma proposição de reflexão nas práticas pedagógica naquelas escolas na disciplina de EFE.

O levantamento de dados através dos questionários buscou uma participação da comunidade escolar que, embora limitada, compreendeu uma peculiaridade descrita por Campos (1984, p. 63) onde:

“A Tônica das propostas de participação em pesquisas incide exatamente sobre o tipo de interação que se desenvolve entre essas

“pessoas com características diferentes e com uma inserção na realidade também distinta.”

Portanto, apesar de limitada a participação da comunidade foi com as respostas e opiniões nas entrevistas e preenchimento dos questionários que se procedeu o levantamento de dados.

Thiollet (2009) descreve que muito se avançou nas pesquisas sociais e ressalta que o pesquisador deve ter o cuidado em manter-se firme nas questões científicas uma vez que esta proposta induz às ações políticas e sociais. Sendo assim este trabalho esteve atendo ao elemento de cientificidade para que a pesquisa não se perdesse em atender apenas um local ou região, mas que servisse de exemplo de debate para a educação na Amazônia e no Brasil.

Participaram da pesquisa nove (09) professores que atuam ou atuaram com a disciplina de educação física na região do Baixo Rio Madeira, compreendidos entre os anos de 2007 a 2012 – últimos 05 (cinco) anos, compreendendo 100% de todos os professores que atuam na região neste momento. Os alunos foram representados Vinte (20) alunos do ensino fundamental e médio representando cerca de 10% do total de alunos matriculados nos dois segmentos a partir do oitavo ano, tendo a representatividade de pelo menos dois (02) alunos por série.

A escolha dos alunos deu-se através da solicitação voluntária após a apresentação da acadêmica que visitou as salas de aula expondo o motivo da pesquisa e objetivo do projeto. Foi solicitado aos alunos que entre os voluntários tivessem alunos das diversas comunidades que usam o transporte escolar para chegar até a escola para que se representasse todo o universo ribeirinho da região pretendida na pesquisa.

Os alunos atenderam a solicitação e estiveram representadas na pesquisa as seguintes comunidades: São Carlos (proximidades da escola); Terra Firme, Curicacas, Primor, Brasileira e Ilha de Mutum. Sendo assim foi possível levantar os dados com uma diversidade de comunidades para que se representasse a região ribeirinha e não apenas a localidade onde está

instalada a escola, mas todo seu entorno.

3.2 O levantamento de dados

O levantamento de dados ocorreu entre os dias 14 a 23 de maio tendo uma concentração de trabalho maior no último dia. A maior participação se deu no turno noturno por motivo de acessos e logísticas possíveis entre pesquisadora e público participante uma vez que a região delimitada é de difícil acesso, localizada no Baixo Rio Madeira no Distrito de São Carlos há 60 km do centro do Município de Porto Velho.

Na travessia para outro lado é possível passa-se pelo encontro dos dois rios e avista comunidade de São Carlos onde fica a Escola Henrique Dias.

Chegando a margem esquerda do Rio Madeira foi possível registrar o transporte escolar fluvial saindo para levar os alunos do turno da tarde e trazer os alunos do turno noturno. Registra-se a facilidade com que todos passam nas pequenas “pinguelas” (pontes estreitas) para chegar até a voadeira.



Figura 2 – Chegada da voadeira (transporte escolar fluvial) e flutuante de desembarque.
Fonte – Dados da pesquisa.

3.3 A Escola Henrique Dias

A Escola Henrique Dias, embora seja uma escola dirigida pela esfera municipal sempre abrigou o ensino médio onde o estado faz a gestão. É comum os funcionários manterem dois contratos de trabalho, tanto no estado como no município. Ao lado da escola há alojamento para os professores que não moram na comunidade.

O ensino fundamental atende 429 alunos nos três turnos, sendo o noturno Educação de Jovens e Adultos (EJA) alunos e o ensino médio no turno noturno, todos na modalidade regular.

A contribuição da gestão e dos professores foi fundamental para os procedimentos de pesquisa. Todos colaboraram apresentando a Acadêmica e o projeto de pesquisa, bem como dispensaram os alunos da sala de aula para responderem o questionário. Também foram disponibilizados espaços no refeitório e na biblioteca para entrevista com os alunos.



Figura 3 – Escola Municipal Henrique Dias.
Fonte – Dados da pesquisa.

A Escola Henrique Dias tem em seu quadro de funcionários todos os professores habilitados sendo que a maioria reside no Distrito, fruto das formações à distância de programa de política públicas, inclusive no Curso de Educação Física atualmente ofertado pelo Pró Licenciatura que contempla (05)

cinco professores da região e que já estão fazendo a diferença na aplicação da educação física escolar durante seus estágios e debate com a comunidade.

Desde 2007 é possível chegar até a Escola via estrada de chão pela margem direita do Rio Madeira num percurso de cerca de 60 Km – antes deste período o acesso é apenas por transporte fluvial.



Figura 4 – Rio Madeira, travessia para acessar a Escola Municipal Henrique Dias.
Fonte – Dados da pesquisa.

3.4 Dados da coleta de pesquisa com alunos

3.4.1 Perfil dos alunos entrevistados

Total de alunos	Gênero	Idades	Tempo que residem na região	Local que nasceram
20 alunos sendo 08 do ensino fundamental e 12 do ensino médio	13 F 07 M	13 a 26 anos	Cinco moram há mais de 10 anos, 01 há 04 anos e uma há 05 anos e uma há 08 anos.	14 nasceram em comunidades ribeirinhas da região pesquisada; 05 na zona urbana de Porto Velho e 01 no interior do estado.

Quadro 1 – Perfil dos alunos entrevistados.
Fonte – Dados da pesquisa.

3.4.2 As atividades das aulas de educação física elencadas pelos alunos

As atividades realizadas durante as aulas de EFE foram confirmadas ou negadas pelos alunos a partir de uma relação apresentada a eles. O gráfico 1, a seguir, mostra que as aulas de Educação Física tem uma concentração de atividades nos jogos coletivos de futsal e vôlei, com exceção de dois alunos que admitiram correr nas aulas.

A pontuação zero para atividades de pular, remar, equilibrar, nadar, dançar e saltar mostrou que a participação ativa dos alunos no questionário levantou reflexão dos aspectos das aulas de educação física vivenciados pelos alunos, principalmente na atividade de nadar, que para eles é uma questão de sobrevivência na região.

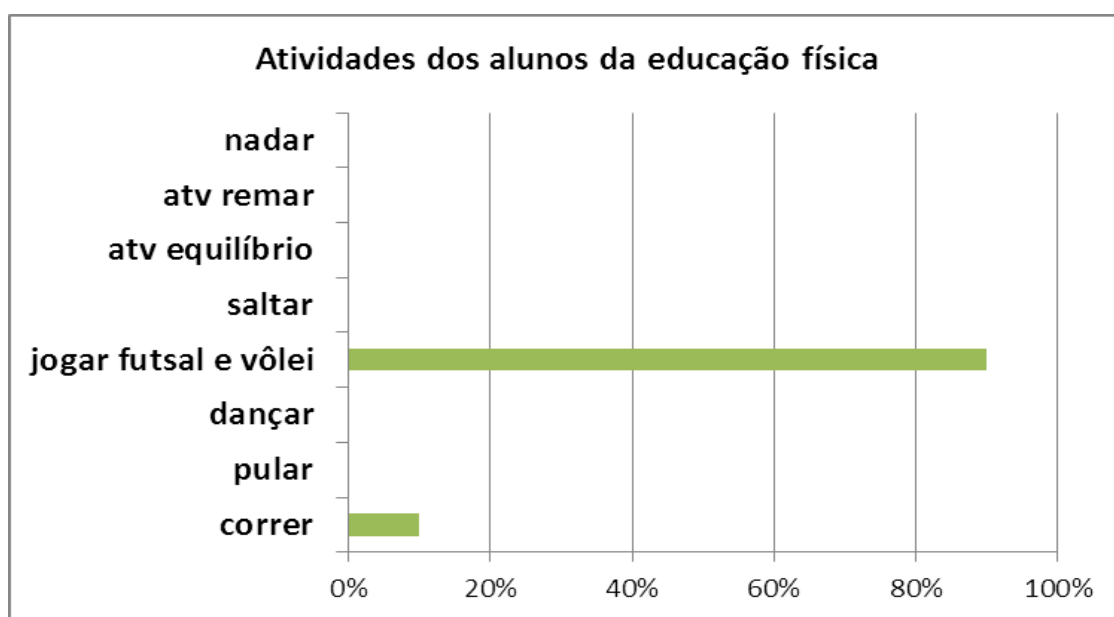


Gráfico 1 – Atividades dos alunos nas aulas Educação Física.
Fonte – Dados da pesquisa.

3.4.3 Cultura corporal: as atividades corporais no cotidiano dos alunos

As respostas de andar a pé, jogar bola (futebol), se equilibrar nas canoas e, subir e descer barrancos são praticamente unanimidade entre os 20 (vinte) alunos entrevistados, apontando um percentual de 100% da atividade

corporal cotidiana. O gráfico 2 mostra também que todas as atividades foram pontuadas e apenas a atividade de caçar é pouco exercida pelos alunos.

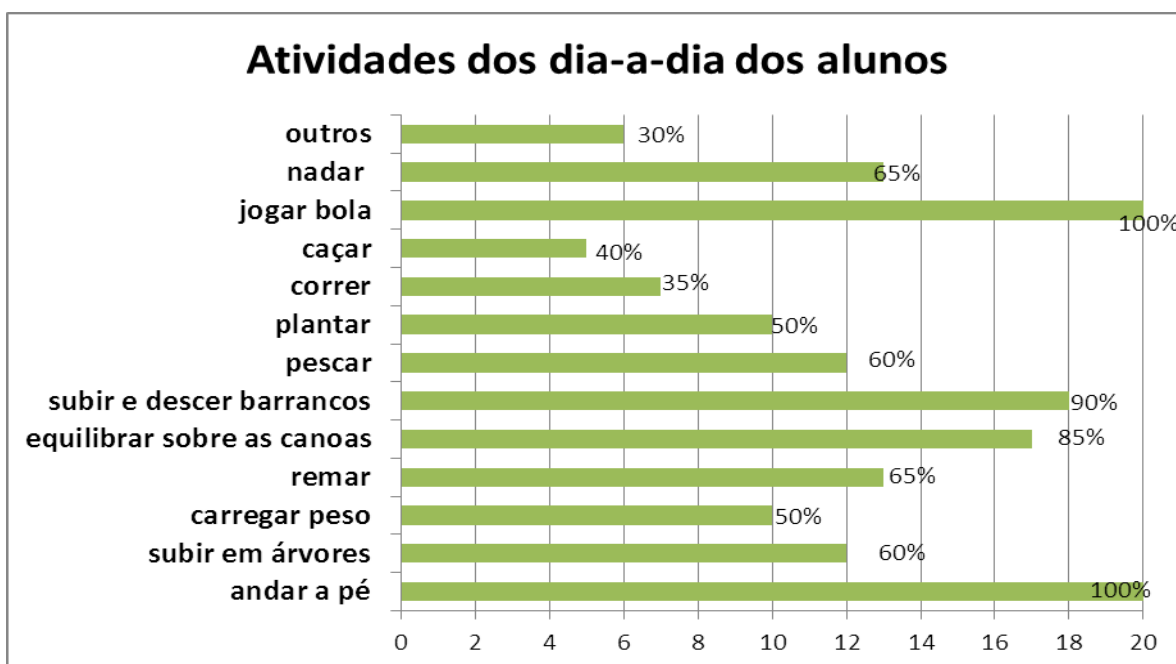


Gráfico 2 – Atividades corporais do cotidiano dos alunos – Cultura Corporal.

Fonte – Dados da pesquisa.

3.4.4 As brincadeiras e jogos você praticados na comunidade

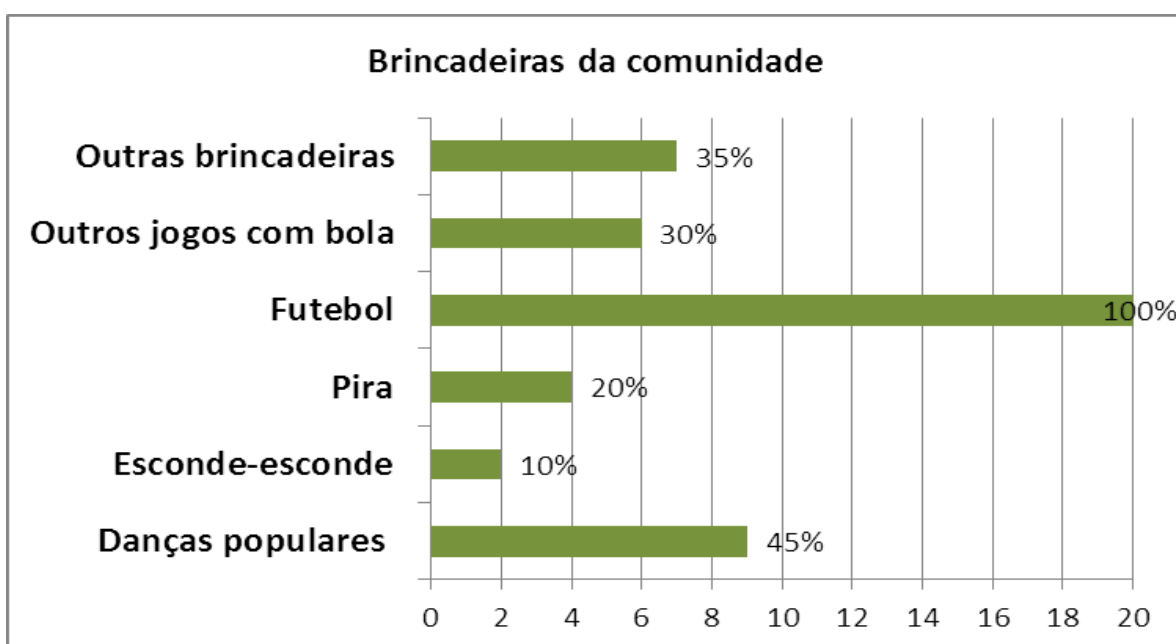


Gráfico 3 – Brincadeiras praticadas na comunidade.

Fonte – Dados da pesquisa.

O gráfico 3 mostra dados importantes e mais uma vez pode-se afirmar que o futebol é uma expressão é prática muito intensa na comunidade: dos 20 (vinte) entrevistados, todos afirmam praticá-los.

As danças populares também são reconhecidas com um percentual de quase 50% e, se confrontado com os dados das atividades praticadas nas aulas de educação física é um conteúdo que está ausente das aulas.

O gráfico 3 apresenta também uma diversidade de brincadeiras que pela opinião dos alunos estão fora das atividades de educação física escolar confirmando mais um indicativo de que a cultura corporal da região ribeirinha está expressa apenas na atividade de jogar futebol ou futsal.

3.4.5 As mudanças nas aulas de Educação Física Escolar

Ao questionar os alunos se mudariam algo nas aulas de EF, cinco (05) alunos responderam que não mudariam nada. Já quinze (15) alunos responderam que mudariam as aulas de EFE incluindo mais modalidades de jogos, danças e atividades de alongamentos e atletismo. Os alunos acrescentaram comentários de que não se veem jogando só futsal ou vôlei, bem como tem vontade de aprender outras modalidades e compreendem a necessidade de atividades de aquecimento.

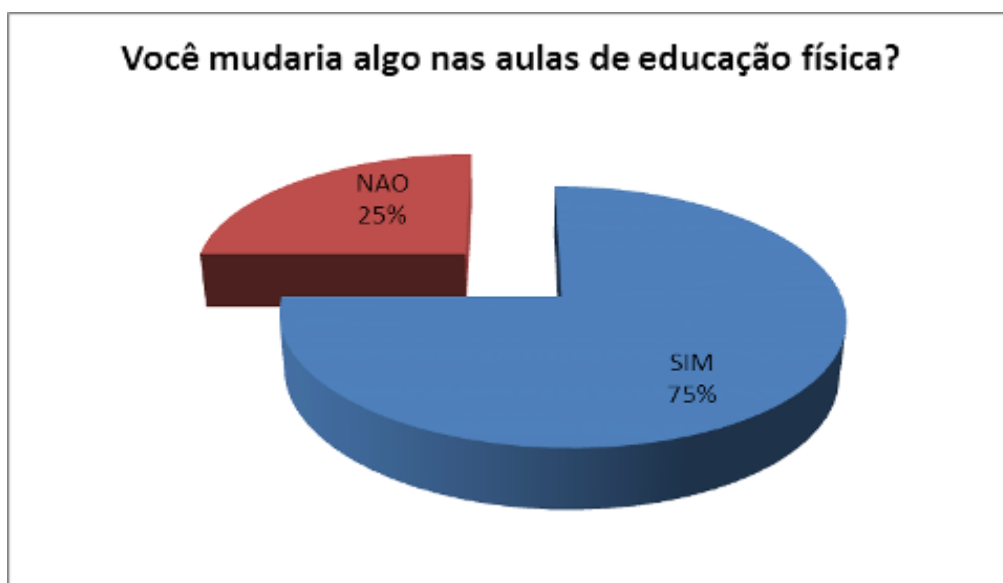


Gráfico 4 – Opinião dos alunos para mudar aulas de educação física
Fonte - Dados da pesquisa.

3.5 Dados da coleta de pesquisa com professores

3.5.1 Perfil dos entrevistados

Quantidade de professores	08
Idades	de 27 a 51 anos
Gênero:	05 e 03 mulheres.
Formação:	05 professores são habilitados em educação física (sendo uma com mestrado e um com especialização) e 03 gestores onde um é habilitado em matemática, outro em língua Portuguesa e um que não tem formação superior.
Áreas que atuou na região:	Exceto dois gestores todos atuaram com educação física e todos já atuaram com outras disciplinas diversas por ser uma região que necessita muito de professores.
Tempo de atuação na região:	01 profissional tem apenas 01 mês, 02 tem entre 1 e 05 anos; 04 tem de 05 a 10 anos e 01 tem 30 anos de atuação na região.

Quadro 2 – Perfil dos professores entrevistados.

Fonte – Dados da pesquisa.

3.5.2 A experiência dos professores com a Educação Física na região ribeirinha de Porto Velho

As respostas apontam que apesar das dificuldades e falta de materiais e estruturas precárias os alunos são muito interessados. Todos gostam de trabalhar na região e concordam que a região merece atenção especial e diferenciada em função da cultura e modos de vida diferentes. A seguir os dados levantados sobre a cultura corporal na visão dos professores dão a dimensão da diversidade da mesma, bem como aponta a relação dos alunos com o ambiente em que vivem, indicando modos de vida diferente da realidade urbana.

3.5.3 Cultura corporal: atividades do cotidiano dos alunos na visão dos professores

Ao serem indagados se as aulas de EFE auxiliam os alunos a desempenhar as atividades cotidianas dos alunos, 05 (cinco) responderam SIM

e 03 (três) responderam (NÃO). Os professores que responderam que as aulas de educação física não contribuem para com as atividades cotidianas dos alunos justificaram que os alunos insistem nos jogos coletivos de futsal e uns poucos no vôlei, e, desta forma, dificulta o desenvolvimento de outras importantes atividades que contribuiriam para uma maior reflexão da cultura corporal.

A cultura corporal na visão dos professores foi levantada com as mesmas questões indagadas aos alunos e apresentaram percentuais parecidos apontando assim uma confluência entre professores e alunos acerca das atividades cotidianas corporais na comunidade:



Gráfico 5 – Atividades do cotidiano dos alunos na visão dos professores: cultura corporal.
Fonte – Dandos da pesquisa.

3.5.4 As propostas de adaptação curricular para a disciplina de Educação Física

Todos os professores entrevistados foram unânimes em concordar que o currículo de educação física deve ser adaptado nesta região.

A maioria dos professores, totalizando 75%, concorda que os hábitos corporais dos alunos ribeirinhos são diferentes dos hábitos urbanos. Este dado

remete a uma reflexão de que os conteúdos da EFE escolar nas regiões ribeirinhas devem ser adaptados e elaborados com maior cuidado, além de levar em consideração a cultura corporal da localidade.

Os professores consideram que apesar de muitos hábitos urbanos já estarem incorporados ao cotidiano dos alunos ribeirinhos e da escola manter uma educação baseada no livro didático que não traz os conteúdos iguais de norte a sul do país, os conteúdos necessitam sim de adaptações para corresponder a uma linguagem e vivência da comunidade local. “É muito fácil perceber que os alunos locais tem uma linguagem própria e tem muita dificuldade no trato com a linguagem formal” comentou a coordenadora pedagógica do ensino médio.

No conjunto, os professores entrevistados fizeram as seguintes proposições:

- a) aplicaria aulas de dança;
- b) prepararia melhor os alunos para competições;
- c) faria resgate de brincadeiras tradicionais que se perderam (quadrado, corre-corre macuchila, pira, pique-esconte, papagaios, corrida de barco a remo e outros;

As proposições dos professores trazem dois dados importantes: o primeiro que os conteúdos de dança também foram propostos pelos alunos confirmando assim que a dança além de ser uma atividade da cultura corporal dos alunos deve ser inserida nos conteúdos da educação física. O outro dado importante apresentado pelos professores que chama atenção nesta discussão é o resgate das brincadeiras mais antigas da comunidade, pois, é necessário a compreensão de que a escola também deve se preocupar com a memória da cultura corporal da comunidade.

3.5.5 As brincadeiras, danças, competições e jogos praticados pela comunidade

Os professores apontaram as diversas atividades que presenciam na comunidade e afirmam que estas não são abordadas nas aulas de EF. Abaixo a

relação das brincadeiras e jogos praticados pela comunidade apontados pelos professores:

- a) Dança do ciringandô – dança popular em círculo onde as moças dançam para encantar os rapazes jogando uma rede de pescar prendendo os rapazes ao final da dança;
- b) Forró e outras danças diversas como subir no mastro de São Sebastião;
- c) corrida de canoa; e
- d) d) quadrado (jogo popular realizado com tampinhas de refrigerantes que deverão ser colocadas nos quatro cantos de um pequeno quadrado no chão e uma ao centro – mais ou menos 30 X 30 centímetros, enquanto um grupo corre para não ser queimado com um pequena bolinha de borracha ou meia).

As atividades elencadas pelos professores confirmam que os professores conhecem a realidade dos alunos, fato que facilita uma discussão da inclusão destas nos conteúdos de educação física escolar seria um importante componente curricular para ampliar os conhecimentos corporais e diversificar as atividades de educação física.

Em uma das entrevistas, foi possível registrar um depoimento da primeira profissional habilitada a ministrar aulas de EFE na escola pesquisada e, que já está na região há cinco anos, diz que “os alunos só queriam jogar futebol e futsal sem nenhuma regra formal e que perdiam quaisquer competições por não dominarem tais conhecimentos”. Ela considera que hoje houve avanços, pois a escola já acumula vários troféus onde tanto alunos como comunidade já absorveram e praticam as regras formais do futsal e futebol de campo.

Outra observação feita pelo profissional também foi de que hoje os alunos já admitem fazer outras atividades nas aulas de EFE e que o vôlei já se tornou hábito, além da conscientização de atividades de alongamento, aquecimento e preparo físico para os treinos. Esta observação do profissional está confirmada na pesquisa com os alunos que citam o vôlei como prática da educação física (quadro 1) e prática do cotidiano comunitário (quadro 2).

Outro registro que merece atenção é a proposta de resgatar as brincadeiras tradicionais quando a comunidade ainda não sofria tanta influência urbana e da mídia nacional. O profissional destaca que a memória das

brincadeiras antigas e que não se encontra em outros lugares, como o caso do “quadrado” elencado como jogos comum dentro da comunidade.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 O caminho metodológico

Esta análise buscou informações nos dados levantados para responder a pergunta de pesquisa que indagou “Quais aspectos culturais podem ser incluídos no currículo de educação física escolar na região ribeirinha de Porto Velho?”. Para tanto buscou nos resultados sistematizados dos questionários que através dos quadros, gráficos e opiniões dos professores e alunos da Escola Henrique Dias.

Antes, porém, de responder ao problema de pesquisa foi necessário ter claro qual é a cultura corporal dos alunos das diversas comunidades que frequentam aquela escola e quais conteúdos eram aplicados nas aulas de educação física. Para tanto foram utilizados os gráficos 2 e 5 nesta análise de dados demonstram a cultura corporal dos alunos na visão destes e dos professores.

Em seguida comparou-se com os conteúdos das aulas de educação física apontados nos dados do gráfico 1 da coleta de dados para então responder a pergunta de pesquisa.

Após a comparação entre os conteúdos das aulas de educação física e a cultura corporal da comunidade procedeu-se a análise de resposta da pergunta de pesquisa, que foi realizada pela pesquisadora a luz da teoria da Cultura Corporal descrita principalmente por Jocimar Daólio (2010) e Suraya Cristina Darido (2008). Para contemplar a participação da comunidade durante a análise foram consideradas as opiniões dos alunos e professores da escola devidamente anotadas nos questionários durante as entrevistas.

Outros dados complementares foram utilizados para concluir a análise como a opinião dos alunos sobre possíveis mudanças nas aulas de educação física, as brincadeiras populares que são vivenciadas na comunidade e as experiências vivenciadas pelos professores que atuam há mais de cinco anos a região.

4.2 A Cultura corporal dos alunos nas comunidades ribeirinhas

Os gráficos 2 e 3 mostraram a diversidade cultural levantada por alunos e professores através de suas atividades cotidianas. O levantamento foi realizado com a participação dos professores e alunos com objetivo de confirmar entre os dois públicos da comunidade escolar as atividades que de fato são praticadas nas comunidades ribeirinhas e se tanto professores como alunos fazem alguma relação entre estas atividades corporais cotidianas – a cultura corporal, para com as aulas de educação física escolar.

Os dados apresentados mostram que tanto professores como alunos concordam em percentuais parecidos como a prática de futebol no cotidiano da comunidade (90% e 100%), subir e descer barrancos (90%), nadar (65% e 66%), equilibrar-se sobre as canoas (78% e 85%), entre outras. Isso demonstra que os professores conhecem de fato o cotidiano dos alunos e suas práticas corporais cotidianas.

Excetuando as atividades de caçar e correr que foram pontuadas com menos de 50% todas as outras atividades tem percentuais acima de 50% mostrando que de fato as diversas atividades são praticadas pela maioria.

O dado de “correr” é uma atividade pouco praticada pelos ribeirinhos contrapondo-se com “andar a pé” que é comum a todos. Culturalmente falando, a vida ribeirinha não exige pressa. (CALDAS, 2000). Silva (1994) que pesquisou “Mitos e Lugar” no Distrito de São Carlos, registra este modo de viver na floresta.

Galvão, Rodrigues e Neto (2008) tratam os conteúdos da cultura corporal como sendo uma das ocupações pedagógicas de maiores ocupações na educação física hoje. Os referidos autores defendem uma contextualização das manifestações corporais dos alunos em sala de aula para uma abordagem de intervenção pedagógica adequada.

Darido e Neto (2008, p. 18) consideram que a educação física deve inserir e integrar o aluno através da Cultura Corporal do Movimento “por meio de vivências que problematizem criticamente os conteúdos”, entre eles, dança e conhecimentos sobre o corpo. Portanto, a escola deveria dar atenção às diversas expressões corporais para cumprir com o que teoriza atualmente o ensino da educação física e os PCNs.

4.3 As aulas de Educação Física Escolar dos alunos ribeirinhos

Os dados apresentados através da opinião dos alunos no gráfico 1, mostram uma limitação das atividades físicas realizadas durante as aulas. De todas as atividades apresentadas aos alunos apenas uma – o futebol, foi pontuada com alto índice de 90% sendo as demais de nadar, remar, dançar, equilibrar e pular tendo um percentual zero indicando que não são executadas nas aulas de educação física.

Considerando o que Daólio (2010, p. 7) propõe como sendo a cultura “a principal categoria para se compreender e discutir a educação física escolar”, e considerando que os professores tem conhecimento da cultura corporal dos alunos e, em sua maioria, são habilitados, a realidade apontada pela pesquisa mostra uma prática que desconsidera a cultura local mantendo a aplicação de conteúdos descomprometidos com um ensino que contempla os conhecimentos e práticas corporais da comunidade.

Observa-se também que as atividades de pular, dançar, saltar, equilibrar, remar e nadar não foram pontuadas tendo índice “zero” nos percentuais, ao que se indica não serem abordados em sala de aula também. Nestes pontos, é clara a evidência de que as aulas de EFE não contempla todas as expressões corporais dos alunos distanciando-se assim de uma realidade específica principalmente naquelas em que a reflexão deveria ser mais específica como por exemplo nadar e remar – atividades essenciais para sobrevivência dos ribeirinhos.

As danças, expressões marcantes dos festejos comunitários (SARAIVA, 2007; SIMÃO, 2010) também estão fora dos conteúdos da EFE ao que também se confirma mais um aspecto cultural excluído do currículo escolar.

Diante das evidências apresentadas no gráfico 1 é possível afirmar que em apenas um dos elementos a EFE reflete a cultura corporal dos alunos, pois jogar futebol é de fato uma expressão unânime onde todos e todas jogam. Este fato pode ser conferido no dia-a-dia das comunidades ribeirinhas e conforme dados da Secretaria Municipal de Esportes (SEMES, 2011) o campeonato interdistrital é o maior evento e que movimenta todos os Distritos e principalmente os ribeirinhos. Ressalta-se que todas as comunidades

ribeirinhas tem um campo de futebol, sendo comum disputa de jogos em todos e quaisquer festejos nas comunidades. (SARAIVA, 2007).

Outra afirmação apontada pelos dados apresentados é que a cultura corporal dos alunos nas comunidades ribeirinhas é bastante diversificada e todas poderiam fazer parte de alguma forma de uma reflexão mais intensa nas aulas de educação física. Algum motivo impede tal ação da educação física escolar e que a pesquisa buscou analisar adiante na entrevista com os professores que atuam com esta disciplina na referida região.

Além dos dados já levantados os professores e alunos também elencaram outras atividades de brincadeiras e jogos presentes na comunidade, que se também comparados às atividades de sala de aula também não são abordadas na escola.

Destacam-se no gráfico 3, as danças populares citadas como forró, quadrilha e outros. Esta atividade é mais uma forte expressão da comunidade que não está incorporada nas aulas de EFE.

O futebol mais uma vez é confirmado nesta investigação como sendo a atividade mais praticada além de ser unânime entre homens e mulheres. O índice de 100% apontado pelo gráfico 1, confirma esta forte expressão cultural das comunidades.

4.4 A atuação dos professores na região ribeirinha, os PCNs e as dificuldades

Os depoimentos dos professores revelam que muitas vezes os PCNs não são aplicados por falta de estrutura física e de materiais. No entanto há uma satisfação quando reconhecem que os alunos ribeirinhos estudam com dedicação e afinco.

Embora os dados comprovem que as atividades estão limitadas a dois jogos coletivos, a maioria dos professores (63%) afirmam que as aulas contribuem para o desenvolvimento das atividades cotidianas dos alunos, pois mesmo sendo apenas jogos coletivos eles correm, equilibram-se e saltam além de desenvolverem também habilidades motoras. Já 37% dos professores

avaliam a atuação da educação física como ruim e limitada e concordam que deveria haver mudanças.

Alguns professores expuseram que alunos, de certa forma, “querem concentrar as atividades no futsal”, mas que as aulas deveriam contribuir mais refletindo todo o universo de conteúdos da EFE e do dia-a-dia corporal dos alunos. Um dos depoimentos dos professores revela que as aulas de educação física trazem um histórico construído por profissionais não habilitados que atuaram na região e está longe de dar o suporte que os alunos precisam.

A divergência de opiniões enriquece os dados quando professores relatam que mesmo concentrado no futebol/futsal os alunos avançaram e “desenvolveram principalmente a técnica de jogar o futsal ou futebol, pois até há alguns anos atrás quando não havia profissional habilitado em EFE os alunos não tinham acesso às regras oficiais do futebol e sempre perdiam campeonatos porque não dominavam as regras oficiais brasileiras”.

Um dos profissionais habilitados que atua há mais de 5 (cinco) anos na região avalia que hoje a pesquisa mostrou dados que confirma a prática do vôlei na educação física. Isso significa avanço porque “quando cheguei aqui era só futebol”, comentou o entrevistado.

O que se pode analisar junto às contribuições dos relatos dos professores é que mesmo os dados sendo negativos em relação a cultura corporal percebe-se que os profissionais estão preocupados com esta prática e que há disposição para mudanças e na verdade, não se pode negar a expressão nacional da prática do futebol e outras modalidades dos jogos coletivos que conforme Veloso (2005, p. 29) “tem sido o principal conteúdo da educação física” e “é quase um referente universal, que, em qualquer parte do mundo e sob quaisquer circunstâncias, possuiria o mesmo significado.”

Sendo assim, a prática da atividade física ribeirinha sofre as influências da mídia e da tradição da EFE centrada nos esportes. Ou seja, mantém-se a exclusão dos saberes locais e preservam-se as práticas imposta apenas por saberes sistematizados pela escola sem refletir a realidade local.

4.5 As propostas de mudanças e adaptação curricular dialogadas com a cultura local

Os dados do gráfico 1, que segue, confirmam que uma grande maioria dos alunos tem clareza de que os conteúdos centrados em apenas duas modalidades de jogos coletivos não contemplam um ensino com conteúdos diversificados. Um elevado percentual de alunos (75%) afirma que mudariam as aulas de educação física.

A opinião dos alunos representados na pesquisa pode contribuir para as referidas mudanças propondo a inclusão dos aspectos corporais da região ribeirinha nos conteúdos e prática da educação física, além de outros conteúdos já sistematizados pela escola.

O gráfico 5 apontou também uma vontade dos alunos em ampliar os conteúdos da EFE incluindo atividades até então não vivenciadas por eles. É um importante indicador para se elaborar um currículo com maior participação da comunidade escolar, tornando-a mais comprometida com mudanças necessárias.

Esta opinião dos alunos reflete o que Darido e Neto (2008) consideram como uma abordagem cidadã e direitos democráticos. Ou seja, a escola hoje deve levar em conta a opinião dos alunos e na educação física escolar “A inserção e a integração dos alunos à Cultura Corporal de movimento são seus objetivos específicos.” (DARIDO E NETO, 2008, p. 19).

Confrontado ao resultado de pesquisa apontado pelo gráfico 1 (atividades dos alunos na Educação Física) e ao dados do gráfico 5 pode-se afirmar que a cultura corporal está fora da sala de aula deixando de participar do processo educacional local confirmando os estudos de Veloso (2010, p. 32) que aponta como sendo “importante considerar que os saberes dos alunos, frutos da tradição e do senso comum, não devem ser negados nas aulas, mas que com eles começa o processo de mediação dos significados.”

Também nos dados levantados junto aos professores tem-se o índice de 75% de concordância de que os hábitos das comunidades ribeirinhas são diferentes do cotidiano urbano e carecem de adaptação. Para adaptação curricular todos os professores responderam e concordaram que são necessárias. A percepção da coordenação pedagógica apontada nas entrevistas confirma que a expressão a expressão corporal em componentes específicos devido ao ambiente de rios e floresta.

A influência dos livros didáticos e dos currículos nacional força a uma

prática baseada na cultura urbana. O pouco conhecimento das culturas e universo amazônico também proporciona um ensino que despreza a cultura local fazendo com que se repitam conteúdos iguais aos já sistematizado historicamente pela educação. Silva e Venâncio (2008, p. 59) refletem que:

Vivemos atualmente em um contexto histórico de incertezas quanto aos saberes e conhecimentos até então pela escola socializados. A escola, enquanto espaço de direito, apresenta-se atualmente caracterizada por uma diversidade cultural, manifestada nos gêneros, etnias, religiões e faixas etárias, cultura essa que está indo na contramão de um currículo escolar conservador, individualista e que não pressupõe a busca da autonomia por parte dos alunos; e, como forma de mudar esse cenário acreditamos ser necessária a construção de um projeto coletivo por todos aqueles envolvidos com a educação.

Ao tratar das manifestações populares da comunidade durante as entrevistas fez com que os professores apontassem conteúdos como a dança, outros esportes e resgate de brincadeiras tradicionais para serem incorporadas no currículo de educação física. Dentre estes conteúdos, o resgate de brincadeiras tradicionais é uma postura a ser incentivada junto aos professores que buscam na pesquisa e no conhecimento científico uma maior relação com conhecimento popular reconhecendo que as expressões históricas e tradicionais devem ser trabalhadas na escola. Veloso (2010, p. 29) lembra que:

A incorporação da visão científica moderna, intermediados pela educação física parece contribuir para o processo de modernização, universalização, ou até mesmo institucionalização da noção de corpo, não deixando muito espaço para diferentes concepções de corpo, presentes em outras tradições.

Desta forma, caberiam mais incentivos, motivação e compromisso da gestão para que de fato os professores pudessem avançar numa proposta de pesquisa que incorpore as manifestações culturais da comunidade dentro de uma proposta curricular participativa.

CONCLUSÕES

A cultura corporal da região ribeirinha de Porto Velho foi descrita por professores e alunos com uma elevada relação de atividades bastante diversificadas. Os dados apontam as aulas de educação física concentradas em apenas duas atividades de jogos coletivos: futsal e vôlei. Estes dados revelam que a cultura corporal da região e da comunidade não é abordada em sala de aula, excetuando o futebol (através do futsal) – respondendo assim a pergunta de pesquisa de “quais aspectos culturais podem ser incluídos no currículo de educação física escolar na região ribeirinha de Porto Velho?”

A pesquisa aponta dados importantes da cultura corporal da região podendo contribuir para uma reflexão e modificação curricular das escolas que atuam na região do Baixo Rio Madeira.

A participação dos alunos mostrou que há uma necessidade de mudanças nas aulas de educação física ampliando seus conteúdos para outros jogos e outras atividades. Depoimentos de professores habilitados mostraram que há um trabalho de conscientização que busca estas mudanças, no entanto elas precisam ser mais debatidas e de fato implantadas.

Vários dados levantados ao longo dos questionários e sistematizados nos quadros e gráficos permitem afirmar que o futebol é uma atividade muito intensa, inclusive entre as mulheres. Apesar de ser uma expressão nacional brasileira, o diferencial na região ribeirinha é que o gênero feminino atua tanto quanto o gênero masculino, uma vez que o dado traz 100% de prática e a maioria do público entrevistado são mulheres (65%). No entanto, o futebol é uma atividade apenas entre tantas outras apontadas pela pesquisa como muito diversa e ampla.

Professores e alunos reconhecem que a região tem modos de vida diferentes e que os conteúdos devem ser adaptados para uma melhor compreensão dos saberes escolares.

Confrontados com os estudos teóricos mais recentes acerca da cultura corporal defendido por Daólio (2010) e Darido (2008), os estudos trouxeram uma contribuição para que a EFE na região ribeirinha de Porto Velho torne-se pauta de uma reformulação curricular que inclua a cultura corporal das

comunidades em seus Projetos Políticos Pedagógicos e Planos de Ensino.

Apointa-se para estudos futuros um aprofundamento das diversas culturas que, neste trabalho, preocupou-se com comunidades amazônicas ribeirinhas para que se alcance uma educação transformadora, dialogada com a sociedade e principalmente coerente com a realidade local, pois a tanto alunos como professores mostraram nesta pesquisa que conhecem sua cultura e que esta deve fazer parte dos conteúdos escolares.

Os objetivos geral e específicos foram alcançados nesta pesquisa com êxito pois verificou-se a aplicabilidade da EFE na área ribeirinha no que diz respeito a cultura corporal. O universo pretendido incluiu dados com a participação de alunos de 06 (seis) comunidades diferentes que compõem a maior parte do universo da Escola Municipal de Ensino Fundamental Henrique Dias conforme indicado na metodologia.

Verificou-se que embora os professores tenham conhecimento dos objetivos da EFE e conhecimento sobre a diversidade da cultura corporal da região a prática não se traduz numa EFE que incorpora a cultura corporal em suas aulas.

A percepção dos alunos foi bastante explorada e a visão crítica apontada por eles trouxe para pesquisa e para os estudos científicos dados que contribuem para os estudos da educação, da EFE, da cultura e do universo Amazônico.

As limitações deste estudo pode ser observada pela pequena amostragem, pouco tempo para pesquisa bem como pequena delimitação de espaço físico e geográfico: apenas 01 (uma) escola. Novos estudos podem completar esta pesquisa se ampliado o universo quantitativo de coleta, bem como aprofundamento teórico do tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO JUNIOR, N. **Síndrome da Máquina**. In: CASTRO, G. de et al. (orgs.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 115-121.

DARIDO, Suraya et al. **Educação Física no Ensino Médio: reflexões e ações**. Revista MOTRIZ - Volume 5, Número 2, Dezembro/1999.. Disponível em:

<<http://www.ciencialivre.pro.br/media/3c0567ef91560b95ffff80b4fffd524.pdf>>

Consultado em 05/04/2012.

_____. **Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldades e possibilidades. Perspectivas em Educação Física Escolar**. Niterói, v. 2, n. 1 (suplemento), p. 05-25, 2001. Disponível em: <http://boletimef.org/biblioteca/81/Dadiro-Artigo>. Consultado em 15/04/2012.

DAÓLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995. (coleção corpo e motricidade).

_____. **Educação Física e o conceito de Cultura**.

Consultado em 06/04/2012. Disponível em:

<http://search.4shared.com/postDownload/e_VwE7t3/Educao_Fsica_e_o_Conceito_de_C.html>

_____. (coord.) **Educação Física Escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação Física e Esportes).

Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica. Coordenação Suraya C. Darido: Irene C. A. Rangel. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000.

GALVÃO et Al. Cultura corporal de movimento. In **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Coordenação Suraya C. Darido: Irene C. A. Rangel. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. Pag. 25 a 36.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 2ª. Edição, Campinas, SP: Autores Associados, 2003. (Coleção educação contemporânea).

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª Ed. – São Paulo: Atlas, 2010

GONÇALVES, Andreia Santos; AZEVEDO, Aldo Antonio de. **A re-significação do corpo pela educação física escolar, face ao estereótipo construído na contemporaneidade**. *Pensar a Prática* 10/2: 201-219, jul./dez. 2007

MENDES, C. Lúcio, **o campo do currículo e a produção curricular na educação física nos anos 90**. *Revista Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 39-48, julho/dezembro, 2005.

MENDES, Maria I. B. de Souza; NOBREGA, Terezinha P. da. **CULTURA DE MOVIMENTO: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura**. *Revista Pensar a Prática* nr. 12/2: 1-10, maio/ago. 2009.

MOTA, Maria V. Soares; LELIS, M. Terezinha Carrara. **Os saberes experienciais registrados no corpo**. In: FONSECA, Selva Guimarães (org.) **Currículos, saberes e Culturas Escolares**. Campinas, SP: Editora alínea, 2007. (p. 147-165).

NEIRA, Marcos Garcia. **A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da educação física**. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, V. 11, n. 1 p.81-89, jan/jul. 2008.
<<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/1699/5343>> da biblioteca digital de educação física esporte e lazer da UAB/UNB/2011. Acessado em out/2011.

_____ **Desvelando frankensteins: interpretações dos currículos de licenciatura em Educação Física**. *Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física*, Cristalina, v. 1, n. 1, p. 118-140, ago. 2009.

OLIVEIRA, Cristina Borges de. **Aproximações exploratórias sobre educação, educação física e sociedade: adversidades de um currículo**. *Miolo*, 19/05/2006, 11:31.

RODRIGUES JR, J. Carlos. **A aula de Educação Física: espaço para encontro e confronto de diferentes saberes sobre a cultura corporal**. In: Daólio Jocimar (Coord.) (coord.) **Educação Física Escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação Física e Esportes.

SANTOS, Edmilson Santos dos. **Educação física escolar: corpo, cultura e currículo**. 1998. 135 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SARAIVA, Adriano Lopes. **Festejos e religiosidade popular: o festejar em comunidades ribeirinhas de Porto Velho/RO**. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Núcleo de Ciências e Tecnologia - Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – PDGRA da Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2007.

SIMÃO, Berenice P. **Atuação das IES e desenvolvimento regional: pesquisa com extensão ou extensão com pesquisa?** 134 f. Dissertação (Mestrado) - Núcleo de Ciências e Tecnologia – Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente - PGDRA da Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2010.

SILVA, Eduardo V. Mota e; VENÂNCIO, Luciana. In: Aspectos legais da Educação Física e integração à proposta pedagógica da escola. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Coordenação Suraya C. Darido: Irene C. A. Rangel. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. Pág. 50 a 63.

SILVA, Josué da Costa. **Cuniã, mito e lugar**. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia da USP, São Paulo, 1994.

SILVA, Maria das Graças S. N. **O Espaço Ribeirinho**. São Paulo: Terceira Margem, 2.000.

SOARES, Carmem Lúcia et al. **Metodologia do Ensino da Educação física**. São Paulo: Cortez, 1993. (Coletivo de autores, Coleção Magistério 2o. grau, série formação do professor).

VELOSO, E. Luiz. **A Educação Física e as Práticas Corporais: entre a tradição e a modernidade**. In: Daólio, Jocimar (coord.) **Educação Física Escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação Física e Esportes). Pág. 17 a 35.

THIOLLET, Michel. **Teoria da Pesquisa-ação**. 17^a. Edição. São Paulo: Cortez, 2009. (coleção Temas Básicos de Pesquisa-ação).

ANEXOS

Questionário entrevista com professores

Perfil do entrevistado:

Idade _____ Gênero () M () F

Formação () graduação – área _____ Pós Graduação () Latu Sensu – área _____

() Strictu Sensu – área _____

Tempo de atuação na região: _____ () 1 a 5 anos () 5 a 10 anos () mais de 10 anos

Áreas que atuou na região:

1) Como foi a experiência de trabalhar com alunos da região ribeirinha de Porto Velho?

2) Quais das atividades abaixo você considera que os alunos das escolas ribeirinhas de Porto Velho realizam no seu dia-a-dia?

() andar a pé

() subir em árvores para colher frutos

() carregar peso

() remar

() equilibrar sobre as canoas

() subir e descer barrancos

() pescar

() plantar

() correr

() caçar

() jogar bola

() nadar

() outros _____

3) Você considera que as aulas de educação física auxiliam os alunos a desempenhar estas atividades? () sim () não

4) Foi possível aplicar os conteúdos dos PCNs? () sim () não

Por quê?

5) Quais dificuldades você enfrentou para aplicar os PCNs?

6) Você considera a cultura e hábitos corporais dos alunos ribeirinhos diferentes dos alunos urbanos? () sim () não

7) Após a experiência vivenciada nas escolas ribeirinhas você proporia alguma adaptação curricular para a disciplina de educação física? () sim () não

8) Quais seriam as mudanças ou adaptações?

9) Você presenciou brincadeiras, danças, competições e jogos diferentes dos que são propostos pela educação física escolar? () sim () não

10) Poderia descrever estas atividades?

Você sente alguma dor no corpo por motivo das suas atividades físicas diárias?

() sim () não

Onde? _____

Questionários alunos

Perfil do entrevistado

Idade _____ Gênero _____ Série _____

Nasceu em comunidade ribeirinha? () sim () não – Local

Há quanto tempo mora na região? _____

1. Quais atividades você faz na educação física?

 correr pular dançar jogar – quais jogos? _____ saltar atividades de equilíbrio atividades de remar nadar _____) outras

.....

2. No seu dia-a-dia você faz quais das atividades abaixo:

 andar a pé subir em árvores para colher frutos carregar peso remar equilibrar sobre as canoas subir e descer barrancos pescar plantar correr caçar jogar bola nadar outros _____

3 . Quais brincadeiras e jogos você pratica aqui na comunidade?

() danças populares _____

() esconde-esconde

() pira

() futebol

() outros jogos com bola _____

(_____) outras brincadeiras

4. Você sente alguma dor no corpo por motivo das suas atividades físicas diárias?

() sim () não

Onde? _____

5. O que você mudaria na sua aula de educação física?